

5-2013

O impacto internacional de Boal: Comentário dos especialistas

Follow this and additional works at: <http://digitalcommons.conncoll.edu/teatro>



Part of the [Spanish and Portuguese Language and Literature Commons](#), and the [Theatre and Performance Studies Commons](#)

Recommended Citation

"O impacto internacional de Boal: Comentário dos especialistas," (2013) Teatro: Revista de Estudios Culturales / A Journal of Cultural Studies: Número 26, pp. 225-236.

This Article is brought to you for free and open access by Digital Commons @ Connecticut College. It has been accepted for inclusion in Teatro: Revista de Estudios Culturales / A Journal of Cultural Studies by an authorized administrator of Digital Commons @ Connecticut College. For more information, please contact bpancier@conncoll.edu.

The views expressed in this paper are solely those of the author.

O IMPACTO INTERNACIONAL DE BOAL: COMENTÁRIO DOS ESPECIALISTAS

Quatro especialistas de teatro com um profundo conhecimento do trabalho de Augusto Boal dão as suas opiniões sobre sua influência em distantes partes do mundo.

‘Na Europa, muitas companhias de teatro continuam com o trabalho de Boal, e imprescindivelmente o transformam para os seus próprios fins’

Por **Frances Babbage**, professora de teatro e estudos performáticos da Universidade de Sheffield, Reino Unido. É especialista do Teatro do Oprimido e teatro aplicado; teatro e gênero, e estudos de adaptação. Entre as suas publicações estão: *Augusto Boal* (Routledge, 2005), *Working Without Boal: Digressions and Developments in the Theatre of the Oppressed* (Special issue do jornal acadêmico *Contemporary Theatre Review*, 1995), e ‘Augusto Boal and the Theatre of the Oppressed’ em *Actor Training*, ed. A. Hodge (Routledge, 2010)

Sem dúvida, Boal tem tido um impacto enorme no teatro no Reino Unido e por toda Europa. Não é surpreendente que a sua influência se vê predominantemente no campo da prática teatral aplicada, ou seja, nas artes comunitárias, no teatro participativo, no teatro para o desenvolvimento e no teatro no âmbito da educação – além disso, é igualmente evidente o impacto que tem nos programas gerais de treinamento teatral oferecidos pelas universidades e colégios de humanidades. O *Teatro do Oprimido* tem se tornado um texto essencial dentro do cânone dos estudos teatrais, e *Jogos para Atores e Não-Atores* aparecerá na lista de manuais práticos de estudos teatrais de cada estudante. Nem todos os elementos que constituíam o Teatro do Oprimido eram novos quando, a partir dos anos 70, infiltraram a Europa pela primeira vez. Por exemplo, alguns praticantes, no Reino Unido, do teatro no âmbito da

O IMPACTO INTERNACIONAL DE BOAL: COMENTÁRIO DOS ESPECIALISTAS

educação, insistiram que eles já faziam Teatro-Fórum anos antes de ser ‘inventado’ por Boal. O que era distintivo do trabalho de Boal era a organização coerente de ideias e a justificação teórica delas, que, juntas, fazia o sistema do Teatro do Oprimido tão persuasivo, acessível e atraente. A paixão, a visão democrática, a criatividade e a incrível energia de Boal inspiraram uma geração inteira de artistas e ativistas, que com muito entusiasmo tomaram as ferramentas (ou ‘armas’) que ele propôs como os meios para transformar visão em realidade.

Claro, na Europa, a influência de Boal não tem sido em uma só direção. As suas experiências de morar e trabalhar em Paris e em outras partes da Europa, no princípio dos anos 80, moldou profundamente o desenvolvimento do Teatro do Oprimido, a partir daquele momento e depois. As pessoas que conheceu, o tipo de problemas e preocupações que tinham, levaram ele a ampliar a sua prática, que partiu da ênfase original dada ao enfrentamento de casos de injustiça social para abranger os problemas psicológicos e as estruturas internalizadas de opressão. Esta adaptabilidade tem sido talvez o aspecto mais discutível de ‘Boal na Europa’, mas ao mesmo tempo tem sido fundamental à difusão contagiosa de suas ideias. A percepção de que os métodos do Teatro do Oprimido podem ser empregados de forma crítica para explorar *qualquer* tipo de problema era, na maior parte, aceita de boa vontade. Contudo, para alguns críticos teatrais era muito problemático que nesta nova fase do teatro de Boal (exemplificada por *O Arco-íris do Desejo*) os problemas emocionais daqueles relativamente privilegiados transformavam-se em ‘opressões’ aparentemente iguais, por exemplo, às restrições impostas à força pelas ditaduras. O encontro de Boal com a Europa necessariamente levou à modificação dos métodos do Teatro do Oprimido, mas não, insistiu Boal, da sua filosofia fundamental. Contudo, a expansão resultante foi considerada por muitos, no mínimo, como uma diluição do compromisso político.

O Teatro do Oprimido é composto de técnicas múltiplas, mas o Teatro-Fórum é uma dentre suas técnicas que tem sido traduzida mais extensamente. Na verdade, para muitas

O IMPACTO INTERNACIONAL DE BOAL: COMENTÁRIO DOS ESPECIALISTAS

pessoas, o Teatro-Fórum e o Teatro do Oprimido são praticamente sinônimos. É fácil compreender por que o Teatro-Fórum tem sido tão atraente. Tem uma estrutura clara, mas flexível. Ao mesmo tempo em que tenha sido elaborado para fomentar as intervenções diretas e físicas dos ‘espectadores’, é também uma forma que tem sido adaptada (sem concessões) para pôr no primeiro plano o compartilhamento de experiências e a análise reflexiva em contextos nos quais os participantes são verbalmente menos confiantes, ou são fisicamente menos capazes. O Teatro-Fórum é construído do ponto de partida de um ‘cenário insatisfatório’ que deve ser transformado positivamente *pelas próprias pessoas que de algum modo são afetadas diretamente* pelas circunstâncias associadas com a cena representada. A convicção – expressa tão vividamente nesta forma de teatro – de que todo mundo tem o poder de transformar positivamente atitudes, relações e ações, e a descoberta de que o teatro participativo pode gerar um debate franco e apaixonado, fizeram os métodos de Boal populares entre diversos grupos e para vários fins: as técnicas têm sido utilizadas por toda a Europa para treinar profissionais da saúde, facilitar a integração de asilados políticos, para aumentar a autoestima dos jovens vulneráveis, e muito mais.

No Reino Unido, um das contribuições mais concretas do trabalho de Boal resultou da sua integração no teatro no âmbito da educação (TIE). Nos anos 70 já existiam numerosos grupos que levavam o teatro participativo às escolas e colégios para educar jovens e facilitar o diálogo, mas as propostas de Boal, no Teatro do Oprimido, servia para consolidar, recarregar e, decisivamente, teorizar esta prática. Talvez a primeira ligação direta entre o TIE no Reino Unido e o Teatro do Oprimido foi feita pelo Greenwich Young People’s Theatre (GYPT). Dois dos seus membros assistiram uma oficina dirigida por Boal na Áustria, em 1982, e logo o emprego dos métodos de Boal pelo GYPT influenciou a prática de outros grupos do teatro no âmbito da educação. O Teatro-Imagem e o Teatro-Fórum eram particularmente produtivos para o GYPT, já que ambas as técnicas são baseadas na premissa de que os participantes

O IMPACTO INTERNACIONAL DE BOAL: COMENTÁRIO DOS ESPECIALISTAS

podem e devem passar da análise das experiências e histórias individuais à identificação e avaliação dos problemas sociais mais amplos. O Teatro do Oprimido consiste numa combinação distintiva de ação teatral com reflexão, de narrativa pessoal com esta armação crítica mais extensa, e isso se harmonizava muito bem com os objetivos do movimento de teatro no âmbito da educação no Reino Unido, e sem dúvida isso reforçou o seu impacto e aumentou o seu status.

O legado de Boal é tão grande que é muito difícil resumi-lo sem ser redutor! Todas as fases ou formas do Teatro do Oprimido têm sido praticadas e adaptadas nos países europeus, por diversos grupos, e em contextos contrastantes. Embora as técnicas supostamente mais ‘leves’ do *Arco-íris do Desejo* são consideradas como o primeiro ponto de contato dos europeus com as técnicas dramáticas de Boal, deve-se dizer que esta linha do Teatro do Oprimido nem por isso acabou exercendo mais influência do que as suas outras técnicas. Mesmo o Teatro Legislativo, que se originou no Brasil, como consequência direta da eleição de Boal para vereador, tem tido um nível surpreendente de popularidade no Reino Unido; este assume a característica de uma ação simbólica, separada do contexto de formação de leis, mas mesmo assim é considerado um meio potente de reavivar a fé na agência política. Como este exemplo demonstra, mais do que qualquer outra coisa, Boal tem deixado um corpo de trabalho que afirma a capacidade imensa da imaginação criativa e, decisivamente, descreve em termos muito acessíveis os passos – físicos e reais – que se pode tomar para transformar o que é imaginado em realidade vivida. Muitos grupos de teatro na Europa, como os ‘Cardboard Citizens’ no Reino Unido, a companhia ‘Giolli’ na Itália, ‘Formaat’ em Holanda e o ‘Théâtre de L’opprimé’ na França continuam o trabalho de Boal e imprescindivelmente o transformam para os seus próprios fins.

‘Boal es el autor, director y teórico del teatro de mayor proyección en Latinoamérica, aunque todavía no está lo suficientemente reconocido’

Por **Orlando Rodríguez**, profesor de Teatro Latinoamericano en la Universidad Central de Venezuela, en Caracas, e investigador y autor de numerosos libros y artículos internacionales. En la actualidad es, además, Director del Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral (CELCIT), con sede en Caracas.

Indudablemente Boal es el autor, director y teórico del teatro de mayor proyección en Latinoamérica, aunque todavía no está lo suficientemente reconocido. Su presencia abarca no solo los años transcurridos en Brasil, sino también su exilio en varios países latinoamericanos, especialmente Argentina y Chile, en donde logró poner en escena algunas de sus obras, y luego en varias naciones europeas, en donde sus obras dramáticas así como sus múltiples ejercicios y su teoría del “Teatro del Oprimido” contribuyeron a apoyar a los sectores populares y oprimidos.

La actividad de Boal en el Teatro de Arena de Sao Paulo dejó obras muy significativas como la serie *Arena cuenta...*, aportó su concepto del *coringa*, y otros conceptos con los cuales le permitió reconstruir parte del pasado de Latinoamérica, como su obra *Torquemada*, cuyo montaje realizado por el Teatro Universitario de la Universidad Central de Venezuela, en 1974, bajo la dirección de Herman Lejter dejó honda huella.

En cuanto a la contribución de Boal, además de los aportes ya especificados, hay también el desarrollo de sus enfoques y teorías. Hay que recordar que en el primer libro que publicó en Argentina, hace un análisis del carácter opresor de los sectores dirigentes de la política en la Atenas y otros lugares de la historia. Sus análisis y enfoque histórico expresado en el Teatro del Oprimido así como los ejercicios de aplicación para actores y gente corriente se utilizan en la actualidad en varios países en las más variadas actividades, como por ejemplo en la educación.

O IMPACTO INTERNACIONAL DE BOAL: COMENTÁRIO DOS ESPECIALISTAS

No creo que se pueda hablar de limitaciones. Lo que podría limitar en el caso de Latinoamérica son las dificultades que en muchos territorios del continente, sus obras y teorías no llegan y no han tenido la necesaria divulgación. Su mayor conocimiento en América Latina se ha desarrollado en los países del sur del continente y en México.

Su herencia al teatro latinoamericano es toda su creación dramática, que no sólo registra su experiencia vital sino que se proyecta a la sociedad toda. Por otro lado, su enfoque de la realidad social contemporánea y la necesidad de su análisis y conocimiento, no solo para estudiarlo sino para ensayar un posible cambio social, como está ocurriendo en la realidad actual, lo considero aún vigente.

Su condición de profundo teórico, siendo uno de los más destacados surgidos en el teatro de América Latina en el siglo XX hasta la primera década del XXI, ha servido de base para que el teatro popular en el continente avance y se constituya hoy en día como nueva presencia, como lo es el denominado teatro comunitario.

‘Há um grande número de associações entre praticantes do teatro do oprimido e organizações de base dedicadas à transformação social.....mas não é incorreto dizer que nos Estados Unidos o teatro do oprimido seja mais estudado do que praticado’

Por **Brent Blair**, professor de prática teatral da Escola de Teatro da Universidade de Califórnia do Sul e co-fundador do Centro do Teatro do Oprimido e Artes Aplicadas do Teatro em Los Angeles. Tem dirigido numerosas oficinas de teatro do oprimido.

Em poucas palavras, a publicação do *Teatro do Oprimido*, acompanhada pelas visitas muito célebres que Boal fez às grandes cidades a partir dos meados dos 80 até 2008, tem posto muitas pessoas nos Estados Unidos em contato, pelo menos de forma informal, com os jogos e técnicas do teatro do oprimido, principalmente o teatro fórum, o arco íris e, mais recentemente, o teatro legislativo.

Se tivesse que resumir a influência de Boal, salientaria 3 áreas: a educação, inclusive a educação superior e acadêmica; a terapia; e a transformação social. Nos Estados Unidos, parece que o seu trabalho tem sido difundido principalmente por simpósios e oficinas, não associados particularmente com um setor específico da população, nem com um foco num tema particular. Por exemplo, o grupo *Jana Sanskriti*[na Índia] desenvolveu oficinas específicas sobre temas relacionados à mulher, aos direitos à terra ou a corrupção política; e o CTO no Rio tem trabalhado especificamente com comunidades nas áreas de saúde mental, direitos do operário, justiça nas cadeias etc, mas nos Estados Unidos, tipicamente, o teatro do oprimido tem sido mais uma ‘apresentação’ do que um ensaio para a revolução. Há um grande número de associações entre praticantes do teatro do oprimido e organizações de base, dedicadas à transformação social, inclusive os nossos projetos aqui em Los Angeles com grupos alinhados à justiça social, justiça sexual, reforma de cadeias, os direitos à terra, e os direitos do inquilino, por exemplo. Estes tipos de grupo, muitas vezes em forma dum ‘projeto’, se encontram em Nova York, Seattle, Austin, Omaha e vários outros lugares do

O IMPACTO INTERNACIONAL DE BOAL: COMENTÁRIO DOS ESPECIALISTAS

país. Teatro do oprimido ainda parece mais conhecido por pessoas que têm lido, ou tem curiosidade sobre esta forma de teatro, ao invés de gente que a pratica com o objetivo da transformação social ou política.

Em resumo, talvez não seja incorreto dizer que nos Estados Unidos o teatro do oprimido é mais estudado que praticado. Agora muitas universidades, como a minha por exemplo, oferecem cursos e programas que unem a prática do teatro do oprimido com trabalho baseado em comunidades, mas o desafio é descobrir onde a fusão entre o teatro do oprimido e o trabalho social está se multiplicando, para que o processo seja aproveitado e dirigido por membros das organizações de base. Em nosso programa na Universidade de Califórnia do Sul, por exemplo, temos que insistir na viabilidade das nossas associações, e que possam produzir transformações concretas sociais ou políticas, e que não sejam simples ‘laboratórios’ onde os estudantes fazem experimentos com este trabalho.

As limitações principais do teatro do oprimido aqui são o seu alcance e a sua prática. Acho que nos Estados Unidos temos o desafio de sair do *modo teórico* (congressos, oficinas, demonstrações de técnicas, laboratórios etc) e entrar na *prática*. Já há exemplos disso, mas realmente só ocorrerá numa forma mais completa quando os próprios ativistas sociais que estão mais diretamente envolvidos em projetos baseados nas comunidades sirvam de coringas, além de participantes nas oficinas. Identificamos este princípio como o *praxis da proximidade* – que aqueles mais próximos ao desafio, problema ou tema são os mais qualificados para desempenhar o papel de líderes de coordenação deste trabalho, isto é, como coringas e organizadores comunitários.

O fato de que, nos Estados Unidos, o teatro do oprimido tem estado trancado nas torres de marfim da teoria talvez tenha produzido pelo menos um grande benefício: essas torres de marfim oferecem uma investigação profunda, crítica e bem pesquisada da ética deste tipo de trabalho. O teatro do oprimido pode ser reduzido a uma ‘ferramenta’, ou uma

‘técnica’, que proporciona um método adicional para se ocupar com os problemas de comunidades. Contudo, é mais raro encontrar comunidades que pratiquem o teatro do oprimido e que estejam dedicadas ao diálogo rigoroso sobre a ética e filosofia dessas técnicas. Nos Estados Unidos, há rigoroso diálogo acadêmico sobre a aplicabilidade crítica do teatro do oprimido em situações cada vez mais complexas. Entre os especialistas deste campo estão Maddy Schtzman e Jan Cohen-Cruz, cujos livros co-autorados, *Playing Boal* e *A Boal companion*, investigam e problematizam de forma rigorosa a exploração do teatro do oprimido em cenários que estão mudando constantemente. A re-investigação rigorosa do próprio teatro do oprimido é indispensável para o teatro do oprimido – e acho que nos Estados Unidos estão avançando criticamente esse diálogo.

O nosso grupo em Los Angeles trouxe Boal a Califórnia do Sul em 4 ocasiões diferentes, entre 2001 e 2005, e as suas oficinas foram assistidas por milhares de artistas de teatro, educadores, terapeutas e ativistas. Desde então, o teatro do oprimido nesta parte dos Estados Unidos tem se tornado cada vez mais visível, não só devido à criação do nosso programa de graduação da Universidade de Califórnia do Sul, mas também no ensaio e desenvolvimento de projetos teatrais profissionais em Los Angeles, além de projetos baseados nas comunidades. É bastante comum que dramaturgos explorem jogos e oficinas do teatro do oprimido para lhes ajudar a extrair narrativas. O grupo *Cornerstone*, pioneiro de teatro baseado nas comunidades, tem usado cada vez mais o teatro do oprimido no seu trabalho nas comunidades. O *Taper*, em Los Angeles, tem incorporado oficinas de teatro do oprimido no seu programa de treinamento para jovens e teatro na educação, titulado *Performing for Los Angeles Youth*. Eu pessoalmente fui convidado a inaugurar a conferência anual da Associação de Professores de Voz e Fala (VASTA), em Washington D.C., em agosto de 2012, com uma oficina de teatro do oprimido e teatro de imagem. No Reino Unido o *Royal Shakespeare Company* reconheceu o poder das técnicas de Boal nos anos 90, quando

O IMPACTO INTERNACIONAL DE BOAL: COMENTÁRIO DOS ESPECIALISTAS

convidou para dirigir *Hamlet*, mas agora o teatro profissional nos Estados Unidos está se equiparando, e empregando os métodos de Boal no desenvolvimento do auditório, na educação, nas técnicas de ensaio, no desenvolvimento do roteiro e na representação, convidando jovens, por exemplo, a fazer cenas de teatro de fórum em obras de Shakespeare.

Teatro do oprimido segue obtendo aprovação extensa entre educadores, artistas teatrais e terapeutas, mas acho que agora é mais decisivo do que nunca que os praticantes do teatro do oprimido, que dão treinamento por meio de oficinas e reuniões públicas, como simpósios, tenham o cuidado especial de preservar a ética fundamental, teorias e filosofias que fazem o teatro do oprimido uma metodologia, e não só uma série de ferramentas ou técnicas.

‘Ha muitas razões pelas quais o Teatro-Fórum pode ser atraente para a África.....contudo, há também dificuldades significativas.’

Por **Jane Plastow**, catedrática de teatro africano da Universidade de Leeds, Reino Unido. Tem publicado extensamente sobre o teatro, inclusive *African Theatre and Politics: The Evolution of Theatre in Ethiopia, Tanzania and Zimbabwe. A Comparative Study* (Rodopi, 1996) e, editado juntamente com Richard Boon, *Theatre and Empowerment: Community Drama on the World Stage* (Cambridge University Press, 2004).

O trabalho de Augusto Boal tem, em graus muito variáveis, permeado a África. Sem dúvida, o projeto mais forte e contínuo do Teatro-Fórum tem sido o trabalho do Atelier-Théâtre Burkinabè (ATB), em Burkina Faso, dirigido por Prosper Kompaore. Este trabalho está em cartaz desde 1978 e um grupo de membros tem dado instrução e performances por todo o país, muitas vezes em colaboração com organizações não-governamentais internacionais que provêm o financiamento. Nos anos recentes, uma parte importante do trabalho do grupo tem focado no problema da SIDA e do HIV. ATB também organiza um festival internacional de Teatro-Fórum que atrai grupos de todo o mundo francófono. Tem havido outros experimentos com o Teatro-Fórum e outros elementos do Teatro do Oprimido

O IMPACTO INTERNACIONAL DE BOAL: COMENTÁRIO DOS ESPECIALISTAS

em muitos países africanos, como a África do Sul, Zimbabwe, Uganda, Malawi , Etiópia e Eritreia, que são os exemplos que conheço pessoalmente. Como consequência disso, muitas pessoas têm ouvido falar sobre o Teatro-Fórum, mas relativamente poucas têm recebido um treinamento extensivo, ou usam a forma de uma maneira consistente.

Há muitas razões pelas quais o Teatro-Fórum pode ser atraente para a África. Muitas formas africanas de performance são participativas, e muitas sociedades têm sistemas de justiça autóctones onde as comunidades, em graus variáveis, têm uma oportunidade de falar. Além disso, em vários países o teatro nas comunidades tem sido reconhecido como um meio de difundir informação relacionada ao desenvolvimento socioeconômico. Contudo, há também dificuldades significativas.

Primeiro, em muitas nações, o modo dominante de teatro em comunidades é uma performance ao ar livre, aberta a todos. Muitas vezes é baseada num tema escolhido pela organização não-governamental que provê o financiamento. Às vezes, os grupos de teatro pesquisam o tema, mas outras vezes não. Frequentemente, a performance termina com uma discussão comunitária. Geralmente este teatro é didático e tem uma ideia pré-concebida das formas de comportamento ou das atitudes que quer promover. Demasiadas vezes, quando o Teatro-Fórum é usado, este didatismo permanece. Os que fornecem os recursos financeiros têm uma ideia fixa do que querem promover e informam o debate em vez de promover o debate livre. Além disso, embora o debate comunitário pareça democrático, muitas vezes, só certas vozes são autorizadas a falar – geralmente vozes adultas e masculinas. Por exemplo, quando uma colega minha, Ali Campbell, experimentou o Teatro-Fórum numa aldeia em Eritreia, alguns sacerdotes locais rapidamente denunciaram uma discussão das possibilidades do controle de natalidade porque a achavam contra os preceitos da bíblia. Da mesma maneira, em áreas católicas da África, as discussões sobre o HIV e a AIDS têm sido severamente encurtadas por certas organizações financiadoras que se negam a promover o uso de

O IMPACTO INTERNACIONAL DE BOAL: COMENTÁRIO DOS ESPECIALISTAS

preservativos. Para que estes trabalhos realmente tenham êxito, é possível que os praticantes deste tipo de teatro possam selecionar com mais cuidado a sua audiência, pelo menos no início, para dar voz às mulheres, aos jovens e a outros grupos.

Quando um governo estrangeiro ou uma organização não governamental financiam um projeto teatral, não estão muito interessados num debate aberto. Por isso, grande parte do Teatro-Fórum só finge deixar a conclusão aberta. A peça já foi construída de tal forma que o resultado desejado é fortemente promovido. Que eu saiba, não há trabalho que realmente tenha surgido de dentro de uma comunidade e que tenha sido desenvolvido segundo as suas próprias preocupações. Contudo, em Uganda, em 2010, eu dirigi um projeto intergeracional para mulheres, e como parte da atividade final direcionada à comunidade universitária em Kampala, um grupo de alunas utilizou o Teatro-Imagem para demonstrar as dificuldades que têm as mulheres jovens em continuar com a sua educação uma vez que atingem a maturidade sexual. Fiquei muito encorajada pelo entusiasmo e intervenções sensíveis de muitos membros da audiência que experimentaram os novos meios para ajudar as jovens a convencer aos seus pais a permiti-lhes continuar com sua educação. Mas não conheço nenhum trabalho que tenha sido politicamente desafiante, e eu argumentaria que, em termos gerais, a visão de Boal tem sido emascarada pelas organizações financiadoras e grupos teatrais que procuram trabalho, e que simplesmente utilizam as técnicas de Boal como outro meio didático de informar usando o pretexto da participação.

Acho que Boal nunca visitou a África. Ninguém lá podia pagar os honorários que ele cobrava. Para utilizar os seus métodos para a libertação verdadeira, e realmente conferir poderes às comunidades, é preciso ter mais facilitadores extensamente treinados. Também se precisa mais trabalho que não é restringido por agências externas, e atualmente não há nenhum indício de que isto esteja a acontecer.